



90 anos em plena atividade

Expoente da medicina tropical, José Rodrigues Coura dedica mais de seis décadas de sua vida à ciência

Kadu Cayres, Lucas Rocha, Maíra Menezes e Vinicius Ferreira

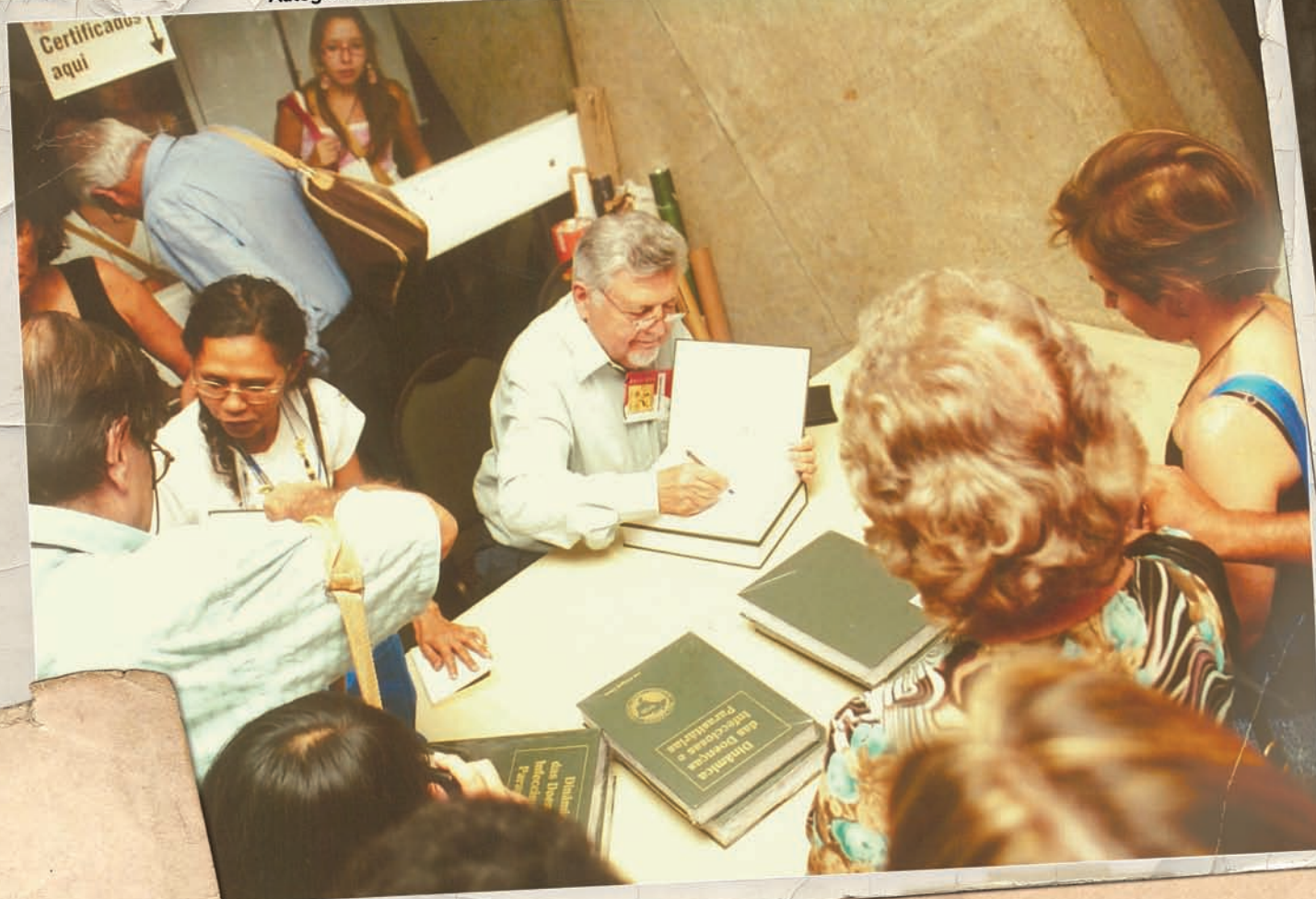


cidade de Taperoá, no sertão do Cariri, na Paraíba, se tornaria pequena para aquele que hoje é considerado um dos maiores especialistas em medicina tropical do país, o pesquisador José Rodrigues Coura. Nascido em 15 de junho de 1927, filho de Lupércio Rodrigues Coura e Ercília Coura, dividia na infância as brincadeiras com outro ilustre filho de Taperoá: o escritor Ariano Suassuna. Migrou para o Rio de Janeiro em agosto de 1946 com o objetivo de dar continuidade aos estudos, já que a cidade não dispunha de estrutura escolar compatível com suas expectativas. De setembro a dezembro daquele ano trabalhou como auxiliar de escritório na Standard Oil (hoje Esso do Brasil) para custear os estudos, até ser

convocado para o Exército, em 1947. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), antiga Universidade do Brasil, em 1952. Ali, conheceu a colega de classe Léa Ferreira Camillo Coura. Da relação, nasceram os filhos Evandro Cesar, Lúcia e Luciana Maria. Hoje, o pesquisador renomado é o alegre avô de três netos.

Ainda na graduação, a fome de conhecimento levou os caminhos de Coura a cruzar com os de Manguiños. O encantamento de colocar os pés pela primeira vez na biblioteca do Castelo Mourisco, nos anos 1950, é marcante na memória. "Fiquei encantado pela biblioteca, com uma grande mesa central

Autografando uma de suas principais obras: *Dinâmica das doenças infecciosas e parasitárias* (Foto: Acervo IOC)



Posse na Academia Na

com as revistas da semana, expostas em fileiras, e várias mesinhas laterais onde estavam sentados alguns pesquisadores, com seus aventais brancos e pilhas de livros e revistas. Concentrados em suas leituras, através de suas lentes espessas e arredondadas, exalavam ciência naquele silêncio, quebrado apenas pelo tilintar dos pendentives dos lustres açoitados pelos ventos constantes naquele andar. Entrei sem ser notado, peguei uma das revistas expostas e, fingin-

do que a lia, admirava aquele cenário que me encantou na juventude e que ainda hoje me encanta”, descreve o pesquisador que atua como chefe do Laboratório de Doenças Parasitárias do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Tendo este ambiente como cenário, Coura preparou seminários e obteve as referências para as teses de doutorado e livre docência, duas teses de cátedras e diversos trabalhos científicos.

Em dezembro de 1957 concluiu a graduação em medicina. Era o início da promissora e premiada carreira na área da saúde. A partir daí, vieram a especialização em clínica médica e doenças infecciosas e parasitárias, na Universidade de Londres, a livre docência e o doutorado em doenças infecciosas e parasitárias, na UFRJ. Por fim, o pós-doutorado nos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos (NIH, na sigla em inglês). Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, em 1962 – instituição que presidiu de 1973 a 1975. Ingressou como instrutor de ensino na disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da UFRJ, onde exerceu, em sequência, os cargos de professor as-

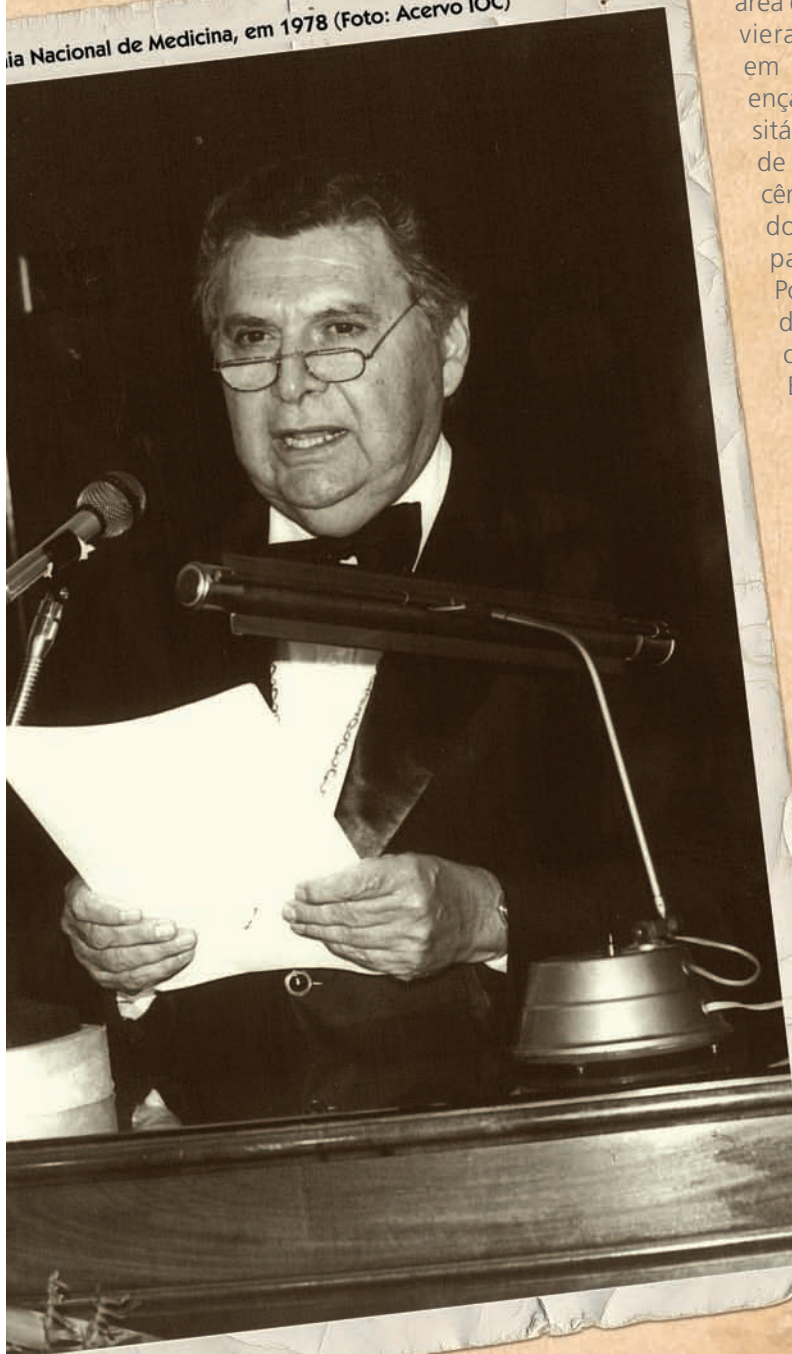
sistente, professor adjunto, professor titular e chefe do Departamento de Medicina Preventiva, do qual se aposentou, voluntariamente, em 1996.

A chegada à Fiocruz ocorreu de forma gradativa. Das visitas à Biblioteca de Manguinhos, enquanto estudante, surgiu o convite do Ministério da Saúde para realizar um diagnóstico da recém-criada Fiocruz, em 1972. “Me licenciei por três meses da UFRJ e solicitei ao ministro um economista para fazer um plano orçamentário e um especialista em pessoal para fazer um plano de carreira para a instituição”, relata.

O ingresso efetivo aconteceu apenas sete anos mais tarde, quando o então ministro da Saúde, Mario Augusto de Castro Lima, convidou para que exercesse os cargos de vice-presidente de Pesquisa da Fiocruz e diretor do IOC, que à época eram acumulados. O contexto era inóspito: a instituição sofria com os impactos do episódio conhecido como “Massacre de Manguinhos”, com a cassação de cientistas e a destruição de amostras e valiosos acervos científicos. “Levantamos as necessidades de todas as unidades e fizemos um relatório enviado ao novo presidente da Fiocruz, Guilardo Martins Alves, e ao próprio ministro”, recorda.

Coura adotou a estratégia de trazer diversos líderes de pesquisa que estavam disponíveis no Brasil ou no exterior, entre os quais Leônidas e Maria Deane, Luis Rey, Helio e Peggy Pereira, Zigman Brener, Zilton e Sonia Andrade, Henrique e Jane Lenzi. Coura ainda seria diretor do IOC, mais uma vez, na gestão 1997-2001, dessa vez escolhido por voto segundo a tradição participativa que foi instalada na instituição a partir dos anos 1980.

ia Nacional de Medicina, em 1978 (Foto: Acervo IOC)



Ao mestre, com carinho

Em uma carreira que continua ativa no auge de seus 90 anos, o “professor Coura”, como costuma ser chamado por colegas de trabalho, alunos e ex-alunos, acumula diversos feitos no campo do Ensino. Um dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu* da área médica no Brasil, o curso em Doenças Infecto-Parasitárias da UFRJ foi criado por ele em 1970. Uma década depois, enquanto diretor do IOC e vice-presidente de Pesquisa da Fiocruz, implantou os programas de Pós-Graduação em Biologia Parasitária e em Medicina Tropical, oferecidos até hoje pelo IOC. Em 1980, criou o Curso

Básico do Instituto Oswaldo Cruz e, em 1981, foi a vez do Curso Técnico de Pesquisa em Biologia Parasitária, que deu origem às formações de nível técnico oferecidas atualmente no Instituto. Ultrapassando os muros de Manguinhos, o legado do mestre se reflete em diversos estados. Locais como Paraíba, Piauí, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul foram contemplados por projetos de pesquisa e formação de recursos humanos.

Para Coura, os mais de 200 mestres e doutores que passaram pela sua orientação ou pelos cursos criados por ele são o seu maior legado. “A formação de pessoal é fundamental. Estes pesquisadores são multiplicadores, que, por sua vez, vão formar novos cientistas, fazendo o conhecimento avançar”, afirmou ao receber, em 2014, o Prê-

mio Fundação Conrado Wessel de Medicina, um dos mais destacados em seu vasto acervo de láureas e reconhecimentos, incluindo a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, mais alta insígnia concedida pela Presidência da República.

Atualmente, José Rodrigues Coura coordena uma equipe com seis pesquisadores e segue com o trabalho de formador de novos cientistas por meio da orientação de alunos de pós-graduação. Reconhecido como pesquisador emérito da Fundação em 2006, Coura acumula mais de 260 trabalhos em revistas nacionais e internacionais. Foi, ainda, um dos responsáveis por recuperar a revista **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, hoje a publicação científica brasileira mais acessada em ciências biológicas.



Coura orientou mais de 200 mestres e doutores nos cursos do IOC (Acervo IOC)



Em trabalho de campo, durante estudo sobre doença de Chagas (Acervo IOC)

Uma conversa em três atos

Para homenagear o legado do cientista, o IOC realizou o evento *José Rodrigues Coura, 90 anos: uma vida para a ciência e o ensino*. Com uma proposta interativa, a atividade permitiu um diálogo próximo entre os participantes e o homenageado. Videoreportagens especiais apresentam detalhes, curiosidades e facetas da obra e vida de Coura. Assista no Canal do IOC no YouTube (www.youtube.com/canalioc).